

Nietzsche no Uruguai, 1890-1910*

Pablo Drews**

Resumo: Este artigo mostra a recepção e a influência de Nietzsche no Uruguai durante os anos de 1890 a 1910. Para tal, o artigo se divide em três partes. Em primeiro lugar, se expõem as diferentes vias pelas quais se introduz Nietzsche, como chega? como era lido? quem o lia? A segunda parte investiga as traduções francesas e espanholas que chegaram ao Uruguai. E, por último, se expõem as diferentes revistas culturais da época que abordaram Nietzsche.

Palavras chave: Nietzsche – Uruguai – recepção

A influência exercida por Nietzsche na cultura ocidental desde a última década do século XIX até os dias de hoje é, sem dúvida, um feito bastante fácil de apreciar. Não obstante, como disse Soejano em seu livro *Nietzsche en España*, não é observar, de forma pontual, a realidade dessa influência, quando foi? como foi introduzido? por que causas? quem o lia? ou com que resultados? Antes disso, o propósito deste trabalho tentará responder a essas questões a partir de um lugar restrito, Uruguai, e em um tempo delimitado, 1890-1910. É este, por tanto, um trabalho de recepção, pelo qual para sua fundamentação recorreremos à documentação, já que estudar a influência é, certamente, prová-la, faze-la ver¹.

* Tradução de Rudah Santos e Silva.

** Professor da Universidade de Valência, Valência, Espanha. E-mail: jodrews@alumni.uv.es.

1 Cf. JAUSS, H. *Experiencia estética y hermenéutica literaria*. Trad. J. Siles y EM. Fernández. Palacios, Madrid: Taurus, 1986.

Para introduzir o tema da recepção de Nietzsche no âmbito hispanofônico devemos mencionar os livros do já citado Gonzalo Sobejano, *Nietzsche en España*², o livro de Udo Rusker, *Nietzsche in der Hispania*³, assim como o dossiê monográfico “A recepção do pensamento de Nietzsche na Argentina (1880-1945)”, dirigido pela professora da Universidade de Buenos Aires, Mónica Cragolini⁴.

São estes, com efeito, os antecedentes mais diretos para aproximarmos-nos do nosso tema, na medida em que nos dias atuais não existe um estudo detalhado acerca da recepção de Nietzsche no Uruguai.⁵ Por conseguinte, para levar adiante o tema do presente trabalho, em primeiro lugar, mostram-se as diferentes vias pelas quais se introduz Nietzsche, como chega? como é lido? por que interessam suas ideias? quem o lia? Em segundo lugar se incidirá sobre o efeito das traduções, francesas e espanholas, enquanto base material das interpretações dos jovens da geração do novecentos uruguayos⁶. E, finalmente, em terceiro lugar, se delineará a influência das revistas como o farol que ilumina a introdução do escritor de Zarathustra, além de ser o material adequado para observar que ideias ou conceitos tinha-se em conta.

1- Primeiras referências sobre Nietzsche: os cafés e os cenáculos

A poucos metros do Palácio Estévez, na esquina da Praça Independência e da rua Ciudadela, pleno coração de Montevideo,

2 SOBEJANO, G. *Nietzsche en España*. Madrid: Gredos, 2004.

3 RUKSER, U. *Nietzsche in der Hispania. Ein Beitrag zur hispanischen Kultur – und Geistesgeschichte*. Bern/München: Franke, 1962.

4 CRAGOLINI, M. Dossier: “La recepción del pensamiento de Nietzsche en la Argentina (1880-1945)”. In: *Instantes y Azares. Escrituras nietzscheanas*, n° 1y 2, 2001-2002.

5 A única exceção, mesmo que limitada à recepção de Carlos Reyles, é a de Sergio Sanchez, “Nietzsche en Uruguay: la lectura de Carlos Reyles”. In: FORNARI, M.C. (org.). *Nietzsche: edizioni e interpretacion*. Pisa: ETS, 2008, pp. 341-365.

6 Refere-se ao grupo de escritores uruguayos nascidos entre 1868 e 1870 que tiveram seu apogeu e 1900. (N do T.)

um antigo edifício com vistas ao Rio da Prata conserva em seu interior o maio resplendor intelectual dos novecentos uruguaio. De modelo neoclássico, atual sede da embaixada canadense, esse antigo edifício mantém embaixo do concreto o espírito romântico que se respirou no café Polo Bamba, ateneu da boêmia montevideana. Inaugurado em 25 de julho de 1885 pelo Galego Francisco San Ramón, vendido quatro anos mais tarde por este à seu irmão Severino, foi em seus primeiros tempos um café de jornalistas e estudantes. Nessa época Montevideo era, como Madrid ou Buenos Aires, uma cidade de círculos literários e tertúlias, por todos os lados se formavam reuniões de amigos, onde se desfrutava do bem falar. O círculo mais famoso se criou dentro do café Polo Bamba:

Sua clientela era formada, quase exclusivamente, por escritores, poetas e publicitários, e seu ambiente era o de um agitado centro intelectual, cujo em torno das mesas reuniam-se, noite a noite, a discutir árdios temas de sociologia ou estética, os jovens nos quais havia brotado, com grande ânimo, a semente das ideias revolucionárias.⁷

Em princípio, essa agitação de fim de século, essa atividade vital de dissidência e rejeição aos valores imperantes, se reduzia a um grupo pequeno de pensadores, em particular, àqueles que faziam do movimento modernista o centro nevrálgico do pensamento artístico. O modernismo no Uruguai significou, tal como no resto da América Hispânica, a crise universal das letras e do espírito ao final do século XIX, e que havia de se manifestar na arte, na política e na ciência, uma profunda mudança histórica que afetava todos os aspectos da vida. Esta era, sem dúvida, a nova sensibilidade que suscitou nos jovens dos novecentos. O modernismo era uma

7 MARTÍNEZ MORENO, C. *Color del 900*. Montevideo: Centro Editor de América Latina, 1968, p. 25.

atitude, era, certamente, um novo encontro com a beleza artística, movimento estético que consistia em submeter a tradição a uma renovação baseada no livre exame pessoal.

Os renovadores adotavam uma atitude de crítica para com a sociedade, se opunham a seus valores, suas paixões, sua moral, já que este tipo de sociedade, totalmente utilitarista, havia rebaixado a arte à mera utilidade, à pura mercadoria, que teve como resultado a crise das letras. As influências que alimentavam o espírito da juventude rebelde, o fermento prévio da nova sensibilidade finissecular, eram a leituras de Baudelaire, Flaubert, Stendhal, Mallarmé, Verlaine. Além dessas foram decisivas também as leituras de Nietzsche, assim como as de escritores russos como Tolstói e Dostoievski. Tudo isso criou um novo horizonte vital, caracterizado por sua rejeição para com a sociedade burguesa, e no qual os jovens artistas refletiam sobre sua situação na sociedade.

Esses sonhadores de novos rumos eram: José Enrique Rodó, Carlos Vaz Ferreira, Roberto de Iñs Carreras, María Eugenia Vaz Ferreira, Delmira Agustini Florencio Sánchez, Horacio Quiroga, Julio Herrera y Reissig e Carlos Reyles. A acepção de Carlos Vaz Ferreira, nenhum deles havia conseguido títulos universitários. Seu centro cultural era o café, embora nem todos eram frequentadores assíduos das mesas do Polo Bamba. Quando se passava pelo café via-se apenas as figuras espectrais, imagem provocada pela fumaça dos cigarros, de Roberto de Iñs Carreras, Florencio Sánchez, Horacio Quiroga y Julio Herrera y Reissig.

Zum Felde, escritor e jornalista uruguaio, recorda que no Polo Bamba se falava muito e se consumia pouco, pois ao jovem boêmio bastava tomar uma xícara de café para discutir toda a noite. As tertúlias eram extenuantes, falava-se quase sem escutar desejando manifestar suas teorias. “Agitavam-se ali em promiscuidade

fraterna, machistas, anarquistas, nietzschianas, estetas; o individualismo era o credo comum de Polo Bamba; o materialismo sua doutrina oficial”⁸.

No café do Galego Severino que durou até 1915, se lia e comentava Nietzsche. Nesse grupo de loucos ébrios em busca de ideias renovadoras, o filósofo alemão ocupou um posto privilegiado. Com efeito, o café-fórum e a oficina intelectual exerceram uma influência notória na mentalidade da época. A simples introdução de Nietzsche na discussão e na polemica contra o positivismo de Hebert Spencer, imperante em todos os âmbitos do país, remexeu os ossos dos tranquilos burgueses que desfrutavam de uma paz perpetua sustentada por um sistema de crenças que se acreditava totalmente firme em seus limites.

Eis onde, portanto, que nesse mundo da burguesia decadente, do positivismo triunfante, utilitário, aparece o nome de Nietzsche e com ele a marcha vitoriosa de uma nova concepção da vida. Se deve ao escritor de Zaratustra, entre outros, o fato da palavra “vida” passar a ter um novo significado, misterioso e sedutor. Pois em 1900, na conservadora Montevideo, tal qual na Europa, o jovial era uma mancha que devia ser ocultada.

Não obstante, toda essa repressão dos instintos juvenis, toda essa educação orquestrada para respeitar o estabelecido como algo sólido, eterno, criou um efeito paralisante, mas também provocador, atrativo, pois desenvolveu em alguns casos uma paixão pela liberdade até a data desconhecida, assim como uma recusa frente a todo o estabelecido, o autoritário, em uma palavra, o dogmático. É nesse contexto, nessa busca de espaços livres, de aberturas, de críticas, que aparece Nietzsche como um pensador altamente provocador, crítico das convicções morais da burguesia, e porta-voz de uma nova forma de entender a vida, de estar na vida.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 24.

Assim, daqueles que se reúnem no café Polo Bamba, literatos, poetas, dramaturgos, boêmios, dândis, anarquistas, receptores em sua grande maioria da crítica nietzschiana e de seu poder messiânico, destaca-se Roberto de la Carreras (1875-1963), escritor, poeta e anarquista convicto, que em 1900, com vinte e cinco anos, publica *Sueño de Oriente*. Nesta obra, apesar de não nomear a Nietzsche, faz menção de sua crítica das convenções burguesas, e do ideário ácrata que Roberto de la Carreras professava⁹. Em suma, sua tese é um apelo libertário da liberação erótica das esposas, uma crítica contra a santidade cristã do matrimônio, contra a autoridade do marido, em outras palavras, uma recusa à mentalidade do macho dominante, própria da ordem burguesa da época.¹⁰

Quando publicou o livro, nessa Montevideo hermética, acrítica e conservadora, as reações foram as mais diversas, por um lado, foi a de um pequeno grupo literário que o aplaudiu, a obra tinha em conta uma certa cumplicidade das jovens do novecentos, talvez porque dizia o que muitos não se atreviam dizer, descobrindo o desejo até então oculto. Tempos depois, Herrera y Reissig, comentando o livro de Roberto de la Carreras, escreve sobre esse tema em seu *Tratado de la imbecilidade*: “Se observa, a pesar de tudo, que nossas mulheres são menos moralistas que os homens. Vê-se que Nietzsche tem razão quando assegura que a mulher é mais natural que o homem. Deve-se saber que *Sueño de Oriente* não agradou algumas mulheres uruguaias¹¹.”

É, justamente, Julio Herreras y Reissig, poeta maldito dos novecentos uruguaio, e membro do Polo Bamba, outro autor em que

9 As leituras anarquistas de Roberto de la Carreras eram as de Bakunin, Kropotkin y Malatesta, entre outros.

10 **A novidade de *Sueño de Oriente*** não é somente denunciar o matrimônio, pois isto era algo comum na tradição anarquista que venerava o amor livre”, mas sim fazer da acusação do matrimônio uma obra de arte. Cf. CARRERAS, R. *Sueño de Oriente*. Montevideo: Dornaleche y Reyes Impresores. 1900.

11 HERRERA Y REISSIG, J. *Tratado de la imbecilidad del país por el sistema de Herbert Spencer*. Montevideo: Taurus, 2006, p. 282. [grifo meu].

se pode apreciar certas influências nietzschianas. Assim, partindo das investigações de Aldo Mazzucchelli, quem, em seu livro *La mejor da las fieras humanas*, escreve que já no início de 1901, Herrera y Reissig, “se engasga com os princípios acráticos e com o social darwinismo que lhe permite fazer suas próprias sínteses”¹², o qual o inclui, “ao pó do osso seco de Schopenhauer, ou de um Nietzsche que chega indiretamente”¹³. A leitura do filósofo alemão era, com efeito, uma “experiência geracional”, era Nietzsche, sem dúvida, o psicólogo da “decadência, por tanto, olha-se desde um ponto de vista que queira olhar, a crítica da época estava impregnada pelo ideário nietzschiano.

O seguinte fragmento de uma carta que Herrera y Reissig escreveu em Setembro de 1901 a seu amigo Jacinto Bordenave, documenta, em parte, a influência da leitura nietzschiana em seu *Tratado de la imbecilidad*. Eis o que disse a seu amigo:

Em meu próximo livro provo com santo orgulho de minha descendência, por linha reta de Satanás rebelde, filho de La Rochefoucauld e avô de Nietzsche, do cometa da **paradoxo altiva**, o **grande Hobbes**, espancador de imbecis, domador de velhacos, catapulta contra as mentiras da sociedade que com desprezo imperial afogou formidavelmente o lobo humano, arrastando-o pelo povo.¹⁴

Porém, como recorda Arturo Ardao¹⁵, a grande influência de Nietzsche no poeta do novecentos uruguaio, se daria mais tarde, pois as referências ao escritor de Zaratustra eram, até então, apenas literárias. Mais tarde, em 1903, publica *La Vida*, inaugurando uma poesia filosófica que culminará com *La Torre de las Esfinges* e

12 MAZZUCHELLI, A. *La major de las fieras humanas*. Montevideo: Taurus, 2010, p. 146.

13 *Idem*.

14 Esta carta de Herrera y Reissig foi publicada tempos mais tarde por Tiberio: “Julio Herrera y Reissig”, *El Día*, La Plata, abr. 20, 1913.

15 Cf. ARDAO, A. *Etapas de la inteligencia uruguaya*. Montevideo: Departamento de Publicações, Universidade da República, 1971.

*Berceuse Blanca*¹⁶, de 1909 e 1910, ano em que estava morrendo. Os temas da vida, a morte, o nada, a desolação, o absurdo, preenchem suas páginas, assim com uma filosofia de vida na qual se aprecia um aroma nietzschiano.

Por outro lado, outro círculo de intelectuais menos revolucionário se reunia no café Tupí-Nambá. Inaugurado por Francisco San Ramón, irmão de Severino, na esquina da rua Bueno Aires y Juncal, com vistas ao Teatro Solís. À diferença do Polo Bamba, Francisco dirigiu seu negócio com moderação e competência, pois manteve um ambiente mais reservado menos dado a privilegiar os clientes pouco lucrativos.

O Tupí-Nambá também gozou de um clima intelectual, em suas mesas, de debates mais temperadas que as do galego Severino, se discutiam e debatiam as correntes artísticas que renovavam o ambiente espiritual. Ali estavam, café por meio, José Enrique Rodó (1871-1917) e Carlos Vaz Ferreira (1872-1958). Os amigos bebiam tranquilamente, desfrutando com intermináveis e equilibrados diálogos políticos, literários e filosóficos. Naturalmente, por de trás da pausa silenciosa do café, intercambiavam suas opiniões sobre o escritor de Zaratustra, assim cada um com seu estilo próprio foi assimilando o filósofo alemão a seu pensamento.

Importa sublinhar que o nietzschianismo de Rodó nem sempre é positivo, pois há no pensador modernista uma hesitação, um titubeio constante a respeito da figura de Nietzsche. Com efeito, o escritor de *Ariel*, em suas obras duvida de certos aspectos do ideário filosófico alemão¹⁷, porém, ao mesmo tempo, reconhece a poderosa impressão do escritor de Zaratustra, “como rompimento profundo - escreve Rodó em 1900- indica o que poderíamos chamar nossa moderna literatura de ideias”¹⁸.

16 Cf. HERRERA Y REISSIG, J. *Poetas completos y páginas en prosa*. Madrid: Aguilar, 1961.

17 Cf. WARD, T. “Los posibles caminos de Nietzsche en el Modernismo”. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. L, n° 2, julho-dezembro 2002, pp. 489-515.

18 RODÓ, J.E. *Ariel*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, p. 31.

O modernismo literário, do qual Rodó foi um de seus maiores expoentes, foi desenvolvido, entre outras coisas, como crítica frente à rápida industrialização do mundo, uma sociedade sem alma, uma mecanização do espírito. Portanto, para superar essa mediocridade estas se conceberam como uma minoria seleta frente ao rebanho. É preciso ler Rodó, e em concreto seu livro *Ariel*, a partir desta perspectiva, por isso seu enfoque vai para além da política ou da economia, na medida em que se situa em uma plataforma nietzschiana, já que defende, frente à tendência niveladora da democracia moderna, o ideal do artista para assim resgatar o “homem de rebanho”.

Em sua luta contra a insignificância, resultado do utilitarismo prático, o escritor uruguaio, serve-se do filósofo alemão para defender sua proposta, chegando a dizer que: “o formidável Nietzsche se opõe ao ideal de uma humanidade mediada, à apoteose das almas que se erguem sobre o nível da humanidade como uma maré viva”¹⁹. Anseia, por tanto, um novo espírito social que garanta a “vida da heroicidade”, um pensamento mais puro de dignidade, em suma, um novo porvir para o século vindouro.

O filósofo alemão foi importante também para a elaboração de *Proteo*, pois nos cadernos preparativos deste livro vê-se resumido, onde Rodó faz transcrições e comentários de Nietzsche que se referem ao vinho e à embriagues como elementos de transformação da personalidade.²⁰

Por outro lado, Carlos Vaz Ferreira, filósofo e pedagogo, é dos poucos que aborda diretamente, assim como Carlos Reyles²¹ (1868-1938), o escritor de *Zaratustra*. Com efeito, em Vaz Ferreira encontramos um estudo das obras de Nietzsche, o uruguaio comenta seus livros, os analisa, os compara com o melhor da filosofia no momento,

19 *Ibid.*, p. 28.

20 Segundo E. Rodríguez Monegal no Arquivo de Rodó pode-se ver os cadernos preparatórios de *Proteo*, onde aparece o nome de Nietzsche. Cf. RODRÍGUEZ MONEGAL, E. “La generación del 900”, *Número I*, v.2, n° 6-7-8, 1950, pp. 37-64.

21 Acerca da recepção e da influência de Nietzsche em Carlos Reyles pode-se ver o artigo de S. Sánchez, “Nietzsche en Uruguay: la lectura de Carlos Reyles”, art. cit.

William James e Henri Bergson²². Sua primeira menção aparece em um curso de moral de 1908, onde recomenda aos estudantes ler *A Gaia Ciência* e *O andarilho e sua sombra* de Nietzsche, editados por *La España Moderna*²³, como obras “influentes”. Convida-os a lê-lo, a compreendê-lo e senti-lo, buscando sempre sua riqueza em ideias, em sentimentos, nas sugestões e em seu psíquico inclassificável²⁴.

Nesse sentido, quando anos mais tarde, aconselha a leitura de *O Anticristo*, o qual significou para Vaz um grande achado filosófico, dizendo que “si lido (...) não terminaríamos de citar passagens em que a verdade se torna uma obsessão, uma obsessão que o domina por completo”²⁵. Além disso, aparte de outras leituras de Nietzsche que ao parecer não lhes prestou maior atenção²⁶, destaca sua leitura de *Assim falava Zaratustra*, o que para maioria dos críticos era o livro mais importante. Sobre seu valor ele opina: “vale mais de súbita apreensão, sentida, se si quer, como uma espécie de poema filosófico. À caracteriza além da beleza literária e certa sensação permanente de profundidade vaga e genial, uma falta de consequência genial, o mesmo para o pensamento de Nietzsche”²⁷.

Com respeito à presença nietzschiana, isto é, à sua influência no processo de criação do uruguaio, devemos mencionar cinco das obras de Vaz Ferreira em que Nietzsche aparece em alusões diretas.

22 Cf. VAZ FERREIRA, C. *Inéditos*, Tomo: XX, Montevideo, Câmara de Representantes da República Oriental do Uruguai, 1963, pp. 191-261.

23 C. Vaz Ferreira lê Nietzsche em traduções da editor de Madrid *La España Moderna*, assim como em edições francesas do *Mercure de France*. Para uma descrição mais detalhada sobre as traduções veja o segundo número do presente artigo.

24 C. VAZ FERREIRA, C. *Lecciones de pedagogía y cuestiones de enseñanza*, Montevideo: Câmara de Representantes da República Oriental do Uruguai, 1963, Tomo XIV, p. 134.

25 VAZ FERREIRA, C. *Inéditos*, *ibid.*, p. 203.

26 Os livros de Nietzsche que se encontram na biblioteca de Vaz Ferreira, porém, este não menciona em seus trabalhos: F. Nietzsche, *Humano demasiado humano*. Madrid: La España Moderna, 1902. (sem menção ao tradutor). *Aurora*. Trad. L.Mantua. Madrid: La España Moderna, 1902. *Para além de bem e mal*. Madrid: La España Moderna, 1901, sem menção ao tradutor. *Ecce Homo, Suivi des Poésies*. Trad. H. Albert. Paris: Mercure de France, 1909. *L'Origine de la Tragédie, su Hellénisme et pessimism*. Trad. J. Marland et J. Morland. Paris: Mercure de France, 1901.

27 VAZ FERREIRA, C. *ibid.*, p. 246.

Em ordem cronológica aparece *Moral para intelectuais* (1909), *Lógica Viva* (1910), *Lições sobre pedagogia e questões de ensino* (1912), as conferências sobre “Nietzsche” de 1915, que repete em 1920, esta últimas corrigidas no tomo XX de *Inéditos* (1963), e finalmente *Fermentario*, livro que começou a publicar em fascículos desde 1908, terminando sua impressão, depois de um trabalho, em 1938.

De todos esses a influência mais direta, que se refere em estilo e conteúdo, se produz em *Fermentario*. Na origem deste projeto ambicioso está, tal como Vaz o reconhece, o efeito da influência de Nietzsche. Dessa forma, não somente o brilho literário, como também a sugestiva ideia do aforismo 121 de *O andarilho e sua sombra*, intitulado “Juramento”[*Gelöbniss*], e que diz: “Não lerei mais nenhum autor que se percebe ter preterido fazer um livro: mas somente aqueles cujos pensamentos se tronaram inesperadamente um livro”²⁸, dão forma e conteúdo, certamente, ao estilo de *Fermentario*.

Em relação a este tema, escreve Vaz Ferreira: “meu sistema de publicação, dando a nossas ideias e observações essa natural oportunidade de expressar-se, evita que algumas se prolonguem e artificializem e que outras se percam²⁹”. E, com efeito, “tendência, assim, a evitar o concluído artificialmente, o forjado, o simetrizado”, pois “de nossos pensamentos, apenas uns poucos poderiam eventualmente receber uma forma definitiva (...) E, dos outros se formulam ou se sugerem alguns que podem ter valor, ou por si tivessem... E não morressem com tantas coisas dentro³⁰”.

28 KSA 2, p. 604 (as obras de Nietzsche são citadas como KSA a partir das *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, Hrsg. Von G. Colli und M. Montinari, Berlin-New York, Walter de Gruyter, 1980) *Humano, demasiado humano II*, trad. A. Brotons Muñoz, Madrid, Akal, 2007, p. 157. Ainda assim, C. Vaz Ferreira lê este aforismo na tradução de E. González-Blanco na edição de *La España Moderna*, Madrid, 1907, a qual tem poucas variações em relação à tradução de Muñoz. Eis a tradução de Branco: “Promesa solemne- No leeré más que a aquellos cuyas ideas formaron inopinadamente un libro” (NIEZSCHE, F. *O andarilho e sua sombra*. Trad. E. González-Blanco. Madrid: La España Moderna, 1907, p. 243).

29 VAZ FERREIRA, C. *Fermentario*. Montevideo: Câmara de Representantes da República Oriental do Uruguai, 1963, p. 16.

30 *Idem*.

Em definitivo, “aí iria, expressado no possível, o psíquico antes da cristianização: mais amorfo, porem mais plástico, vivo e apto ao desenvolvimento³¹”. E, como não podia ser de outro modo, “penso agora que essa ideia poderia ocorrer-me lendo Nietzsche”³².

2 - O efeito das traduções

As primeiras traduções de Nietzsche que chegaram ao Uruguai, francesas e espanholas, estavam, em grande medida, influenciadas pela primeira recepção europeia. Assim, começando por G. Brandes, escritor e crítico dinamarquês, que no verão de 188, havia ministrado em Copenhague suas conferências sobre o radicalismo aristocrático de Nietzsche, a recepção, a leitura e a crítica sobre o escritor de Zarathustra estará marcada por uma série de idas e vindas, onde uns o veneram, fundamentalmente no campo artístico, enquanto outros, o rejeitavam já que consideravam seu ideário totalmente subversivo, provocador e altamente tóxico³³.

Exemplo disto são as primeiras traduções ao francês, em que a crítica artística predominou sobre a filosofia. Nesse sentido que convêm abordar este tema, já que as traduções são a base material das interpretações que faziam os jovens montevidéanos do novecentos. Dependendo do acento cultural ou ideológico do editorial se fazia importância em um ou outro aspecto, matizando ou enfatizando determinados conceitos.

31 *Idem*.

32 *Id.*, *Inéditos*, Tomo XX, *op cit.* p. 222.

33 Cf. E. González de la Aleja Barberán. *De la muerte de Dios a la apotheosis de la Vida*. Albacete: Diputación de Albacete, 2001; KLAUS, G. *El culto a Nietzsche en Alemania*. *Estudios Nietzsche*, n° 7, ano 2007, pp. 123-142; GIANNI, V. *El sujeto y la mascara*. Trad. J. Binagui. Barcelona: Península, 1989.

Uma primeira indicação sobre a recepção nietzschiana se encontra no seguinte fragmento de Alberto Zum Felde, que deixa claro que ao final do século XIX o meio latino americano dependia do meio francês:

Certo que, no horizonte do mundo se alçava tão formidável titã como Nietzsche, porém Nietzsche era demasiado forte e terrível para a maioria dos latino-americanos, ainda mais naquele tempo (se refere aos últimos quize anos do século XIX); suas ideias eram bombas de dinamite que só se atiriam manusear alguns tipos revolucionários. Além do mais, ainda não havia passado pela França; e a mentalidade latino-americana, não pode, em geral, digerir nada alemão que não tivesse sido peptonizado em Sorbona³⁴

Posteriormente, graças a ampla difusão do francês como língua da cultura, assim como as viagens a Paris por alguns intelectuais, e depois do necessário filtro francês, começaram a circular pelas mesas dos diferentes cafés de Montevideo os livros amarelos de *Mercure de France* dedicado a à difusão literária, onde repentinamente apareceu o nome de Nietzsche.

A primeira tradução de um texto de Nietzsche ao francês feita em 1877 esteve a cargo da “alsaciana Marie Baumgartner-Köchlin, mãe de um aluno de Nietzsche na Basileia (...) havia traduzido a quarta Intempestiva, ‘Richard Wagner em Bayreuth’”³⁵. Não obstante, o filósofo alemão começara a ser conhecido a partir da tradução de Henri Albert nas edições do *Mercure de France*, que a partir de 1898, data da publicação de *Assim Falava Zaratustra*, traduz quase todas as obras do filósofo alemão disponíveis na época³⁶.

34 ZUM FELDE, A. *Proceso intelectual del Uruguay*, op. cit., pp. 92-93.

35 LE RIDER, J. “Nietzsche, una pasión francesa. Cien años da recepción de Nietzsche na França”, *Enrahonar*, n° 35, ano 2002, pp. 89-100.

36 As primeiras obras de Nietzsche editadas pelo *Mercure de France* foram: 1) Friedrich Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathoustra: in livre pour tout le monde et personne*: trad. H Albert, Paris, *Mercure de France*, 1898, 2) Friedrich Nietzsche, *Par delà le bien et le mal*, Traduit

Com efeito, até a Primeira Guerra Mundial, foi Henri Albert era quem mais contribuía com os *Arquivos de Francia*, não somente como tradutor mas também como jornalista. Este encontrou seus melhores apoios em Gide e Valéry para levar adiante seu trabalho de tradutor, o qual já situa a literatura como o campo mais fértil da recepção do filósofo alemão. Com isso: “a escolha de uma editora ‘literária’, o *Mercure de France*, preferência das casas mais universitárias’ como Alcan, correspondia à lógica deste primeiro período da recepção francesa de Nietzsche”³⁷.

É, por outro lado, com as edições espanholas de *La España Moderna* através das quais podem reconstruir-se as influências intelectuais do novecentos. A empresa de Madri do final do século que havia dado a conhecer os autores russos, Tolstói e Dostoiévski entre outros, é a primeira editora que oferece ao público de língua hispânica um texto de Nietzsche.

Assim, no início dos anos 1900 faz-se a tradução de *Assim falava Zaratustra*, assinada por um tal Juan Fernández. Segundo Gonzalo Sobejano: “Esta é, com efeito, notável, esquisitamente cuidada e primorosa. Se não é superior às estrangeiras, pois não me importa aqui comprovar, leva grande vantagem às que posteriormente

par L. Weiscopef, [et édité par Henri Albert], Paris, Mercure de France, 1898, 3) Friedrich Nietzsche, *Pages choisies*, publiées par Henri Albert, Paris, Mercure de France, 1899, 4) Friedrich Nietzsche, *Le Crépuscule des idoles: Le Cas Wagner: Nietzsche contre Wagner: L'Antéchrist*, trad. H. Albert, Paris, Mercure de France, 1899, 5) Friedrich Nietzsche, *Humain, trop humain*, 1^a partie, Traduit par A. M. Desrousseause, Paris, Mercure de France, Paris, 1899, 6) Friedrich Nietzsche, *La généalogie de la Morale*, trad. H. Albert, Mercure de France, 1900, 7) Friedrich Nietzsche, *Aurore, réflexions sur les préjugés moraux*, trad. H. Albert, Paris, Mercure de France, 1901, 8) Friedrich Nietzsche, *Le gai Savoir*, trad. H. Albert, Paris, Mercure de France, 1901, 9) Friedrich Nietzsche, *L'Origine de la Tragédie, su Hellénisme et pessimisme*, Trad. J. Marlond et J. Morland, Paris, Mercure de France, 1901, 10) Friedrich Nietzsche, *Le voyageur et son ombre: Opinions et sentences mêlées: (Humain, Trop humain, 2a partie)*, trad. H. Albert, Paris, Mercure de France, 1902, 11) Friedrich Nietzsche, *Ecce Homo, Suivi des Poésies*, trad. H. Albert, Paris, Mercure de France, 1909. Edições consultadas na base de dados online da *Bibliothèque nationale de France*. (Data da consulta: 20/12/2011).

37 LE RIDER, J. “Nietzsche, una pasión francesa. Cien años de recepción de Nietzsche en Francia”, *op. cit.*, pp. 89-100.

publicou-se em castelhano”³⁸. Atrás dela esconde-se a enigmática identidade do tradutor, pois suspeita-se que por de trás do pseudônimo Juan Fernández oculta-se o nome de Miguel de Unamuno.

Posteriormente, *La España Moderna* foi publicando outras obras de Nietzsche, em 1901 publica: *Para além de bem e mal*, sem menção ao tradutor e *Para a genealogia da Moral*, também sem mencionar o tradutor. “Ambas versões - diz Sobejano - vão isentas de prólogo, contêm pouquíssimas notas e não oferecem particularidade alguma de atenção. Versão anônima é também a de *Humano demasiado Humano*, de data provavelmente idêntica à anterior.”³⁹

As seguintes traduções da empresa de Madri são: *Aurora* (1902), os últimos panfletos que reúnem *O caso Wagner*, *Nietzsche contra Wagner*, *O crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo* (1904); e *A gaia Ciência* (1905-1906). Todas elas foram assinadas por Luciano de Mantua, “pseudônimo que não podemos decifrar, mas que nesse caso a ignorância não é grave, pois o tradutor fez um trabalho meramente funcional”⁴⁰.

A última versão que publica *La España Moderna* é *O andarilho e sua sombra*, por Edmundo Gonzáles-Blanco, em 1907, incluída junto a *Miscelâneas de opiniões e sentenças*, como segundo volume de *Humano demasiado Humano*. Na opinião de Sobejano, a versão é um tanto dura e livre, além de carecer de um prólogo e possuir notas muito pequenas.

Sem dúvida, o prestígio dessa empresa finisecular exerceu um enorme trabalho na cultura rio-platense, pois, além de haver editado os maiores escritores da época, melhorou o acesso do leitor hispano ao mais interessante autores da filosofia e das ciências. Com efeito, o filósofo alemão começou a ter um lugar privilegiado nas bibliotecas dos jovens de Montevideo. Sobre este aspecto chama atenção a aquisição filosófica de Nietzsche. Assim, se com as edições

38 SOBEJANO, G. *op. cit.*, p. 68.

39 *Ibid.*, p. 74.

40 *Idem*.

francesas os seus textos se contemplavam-se como obras literárias, com *La España Moderna* começam a ganhar terreno no campo das ideias. Por conseguinte, pelo simples fato de editar o filósofo alemão em uma editora mais afim com temas da filosofia feita, entre outras coisas, que os estudiosos e interessados em leituras filosóficas apreciariam as ideias do filósofo alemão.

Quase na mesma época a editora *Sempere*, de Valencia, nutriu o intelectual do café com seu amplo catálogo de escritores revolucionários da Europa, vendendo os livros a preços populares. Foi Orsini Bertrani, grande Tertuliano do Polo Bamba, o encarregado de fazer circular a coleção da biblioteca *Sempere*.

Entres os anos de 1906 e 1910 a editora valenciana traduz as seguintes obras de Nietzsche: *Assim falava Zaratustra*, *Para a genealogia da Moral*, *Aurora*, *A gaia ciência* e *O Anticristo*. *O caso Wagner*, *Nietzsche contra Wagner*, *Miscelânea de opiniões e sentenças*, *O Crepúsculo dos ídolos*, *Para além de bem e mal*, *A origem da tragédia*, *Humano demasiado Humano* e *O Andarilho e sua sombra*; todas elas traduzidas por Pedro Gonzáles-Blanco. Finalmente, em 1910, vieram *Ecce Homo*, *Como cheguei a ser o que sou*, com tradução e prólogo de José Frandés.

As versões de Gonzáles-Blanco fizeram-se do francês, provavelmente da editora *Mercure de France*, e de antigas traduções espanholas. Sobre sua qualidade, “poucos temos a dizer. Onde são mais toleráveis não passam da correção fria de mera cópia; porém, são inúmeros os casos em que o tradutor abrevia o texto, omitindo frases embora passagens de relativo comprimento, já guiando-se pela significação de conjunto sem atender à letra”⁴¹.

Em relação a tradução de *Ecce Homo*, também feita da tradução francesa, seu tradutor, José Francés, realizou, segundo Sobejano,

41 *Ibid.*, p. 80.

um trabalho medíocre. Esta obra, a única contribuição nova da editora *Sempere*, contém um prólogo onde o tradutor segue observações e sugestões de Emile Faguet, ensaísta e crítico francês.

3. A influência das revistas culturais

Nesse cenário de abertura cultural que predominou de 1890 a 1910, numerosas foram as revistas de letras e de índole social publicadas no Uruguai. Cada dia parece mais imprescindível o conhecimento das revistas para o estudo das mentalidades, na medida em que de alguma maneira são representantes da expressão de momentos, correntes de pensamento ou grupos literários.

A primeira revista que, literalmente falando, forjou o novo período foi a *Revista Nacional de Literatura e Ciências Sociais*, dirigida por José Enrique Rodó e Perez Petit. Publicada de 1895 à 1897, em 3 tomos e 60 números, é nela que pela primeira vez se fala, em Montevideo, sobre Nietzsche. Foi Pérez Petit, diretor da revista da intelectualidade europeia, os artistas e pensadores revolucionários daquela hora. Ibsen, Nietzsche, Tolstói, Hauptman, Verlaine, Mallarmé, D'Annunzio, desfilam pela revista⁴².

Por conseguinte, desta recepção, um tanto provisional, pois embora não houvesse artigos exclusivamente dedicados a Nietzsche, deduz-se que o melhor foco de atenção no pensamento do filósofo alemão centrava-se, de acordo com o espírito modernista da revista, na exaltação dionisíaca da vida e no embelezamento estético do mundo.

Nos anos 1899 e 1900 sucessivamente aparece *A Revista*, dirigida por Julio Herrera y Reissig. De clara tendência modernista, publicaram-se nela os melhores escritores do momento, a saber, María Eugenia Vaz Ferreira, Juan Zorilla de San Martín. Roberto de

42 ZUM FELDE, A. *op. cit.*, p. 24.

lãs Carreras, Carlos Reyles entre outros. Em suas páginas há o ideário nietzschiano incorporado com o melhor do programa modernista. Destaca, certamente, a poesia de Carlos Reyles, quem anos mais tarde fará jus a seu nietzschianismo⁴³, sendo este, junto com Vaz Ferreira, o que melhor conhecia Nietzsche no Uruguai até então.

Fechando este círculo cultural aparece *Bohemia*, revista que nasceu no café Polo Bamba, ateneu da boêmia de Montevideo, na qual se cultivou o monopólio das letras francesas em comunhão com ideias anarquistas. Como revista de arte esteve em seu início dedicada à poesia, tendência que mudou progressivamente dando lugar ao ensaio e a crítica literária. Em referência direta a Nietzsche aparece o número 17, ano II, 15 de julho de 1909, publicado em forma de poema, *Assim falava Zaratustra*, traduzido por um tal Fernando Ríos. É possível que o mesmo seja uma transcrição direta de um fragmento de Nietzsche, ou quiçá uma crítica-poética de Ríos. Pois, somente teve-se acesso à estrutura informativa do número, sendo impossível cotejar seu conteúdo.

Em consequência, pode-se dizer, apesar de não ter toda documentação pertinente, que a influência de Nietzsche em *Bohemia* foi positiva, pois como órgão afim ao movimento literário estimavam seu individualismo, suas críticas e convenções e, com efeito, às instituições.

Conclusões

Eis que como primeiro apontamento podemos dizer que nos limiares do século XX a recepção de Nietzsche no Uruguai, assim como na Europa, não estava isenta de polemicas. Por um lado, os seguidores o veneravam, especialmente os modernista que fizeram do ideário nietzschiano parte de seu programa estético.

43 Cf. REYLES, C. *Ensayos*. Montevideo: Biblioteca Artigas, 1910.

Celebravam, com efeito, as ideias mais revolucionárias do filósofo alemão, sua recusa à sociedade burguesa em geral, assim como a exaltação dionisíaca da vida. Contemporaneamente ao modernismo literário Nietzsche era lido nos cenáculos anarquistas, onde suas ideias eram assimiladas junto às doutrinas de Bakunin, Malatesta entre outros.

Para concluir pode-se sublinhar que as duas áreas de aceitação das ideias nietzschianas nesse primeiro período (1890-1910) são: (1) a estética, reivindicada nos modernistas, e (2) a política, representada nos anarquistas. Posto isso, para terminar é importante insistir que nesse âmbito polemico, nesse tempo de trocas, o ideário nietzschiano ocupou, criou e transformou, junto a outros autores, o fermento prévio da nova sensibilidade finisecular, um novo horizonte vital caracterizado por uma abertura cultural. Em suma, deve-se considerar Nietzsche, certamente, como a manifestação da renovação espiritual uruguaia no final do século XIX.

Abstract: This paper shows the reception and influence of Nietzsche in Uruguay during the years 1890 to 1910. For this purpose, the paper is divided into three parts. First of all, we present the different ways in which Nietzsche was introduced: how was Nietzsche read? Who read his work? The second part inquires the French and Spanish translations which arrived in Uruguay. Finally, we will display the different cultural magazines of that period which dealt with Nietzsche.

Keywords: Nietzsche – Uruguay - reception

referências bibliográficas

- ARDAO, A. *Etapas de la inteligencia uruguaya*. Montevideo: Departamento de Publicaciones, Universidad de la República, 1971.
- BARBERÁN, E, G, A. *De la muerte de Dios a la apoteosis de la vida*. Albacete: Diputación de Albacete, 2001,

- CRAGNOLINI, M. *Dossier: “La recepción del pensamiento de Nietzsche en la Argentina (1880-1945)”*. In: Instantes y Azares. Escrituras nietzscheanas, no 1 y 2, 2001-2002.
- GIANNI, V. *El sujeto y la máscara*. Trad. J. Binagui. Barcelona: Península, 1989.
- HERRERA Y REISSIG, J. *Tratado de la imbecilidad del país por el stema de Herbert Spencer*, Montevideo, Taurus, 2006, p. 282.
- _____. *El Día*. La Plata, abr. 20, 1913.
- _____. *Poesías completas y páginas en prosa*. Madrid: Aguilar, 1961.
- JAUSS, H. *Experiencia estética y hermenéutica literaria*. Trad. J. Siles y E. M. Fernández-Palacios. Madrid: Taurus, 1986.
- KLAUS, G. El culto a Nietzsche en Alemania. In: *Estudios Nietzsche*, no 7, año 2007, pp. 123-142,
- MAZZUCHELLI, A. *La mejor de las fieras humanas*. Montevideo: Taurus, 2010.
- MORENO, C. M. *Color del 900*. Montevideo: Centro Editor de América Latina, 1968.
- NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- REYLES, C. *Ensayos*. Montevideo: Biblioteca Artigas, 1910.
- RIDER, J. L. *Nietzsche, una pasión francesa. Cien años de recepción de Nietzsche en Francia*, Enrahonar, n. 35, año 2002, pp. 89-100.
- RODÓ, J. E. *Ariel*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985.
- RUKSER, U. *Nietzsche in der Hispania. Ein Beitrag zur hispanischen Kultur - und Geistesgeschichte*. Bern/München: Francke, 1962.
- SÁNCHEZ, S. *Nietzsche em Uruguay: la lectura de Carlos Reyles*. In: FORNARI, M. C. (org.), *Nietzsche: edizione e interpretación*. Pisa: ETS, 2008, pp. 341-365.
- SOBEJANO, G. *Nietzsche em España*. Madrid: Gredos, 2004.
- WARD, T. Los posibles caminos de Nietzsche en el Modernismo. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, vol. L, n. 2, julio-diciembre 2002, pp. 489-515.
- Z. FELDE, A. *Proceso intelectual del Uruguay*. Montevideo, 1930.
- _____. *Lecciones de pedagogía y cuestiones de enseñanza*. Montevideo: Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, 1963, t. XIV.
- _____. *Fermentario*. Montevideo: Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, 1963.

Artigo recebido em 15/03/2014.

Artigo aceito para publicação em 20/05/2014.